



ENTRE O AMOR E A LOUCURA: A EROTOMANIA RECLAMA O ESPETÁCULO

Angeli Raquel Raposo Lucena de Farias; Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba – angeliraposo@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba – hermanorodrigues@hotmail.com

RESUMO: A psicanálise através do seu fundador, o médico vienense Sigmund Freud, tentou compreender e situar as diversas manifestações patológicas do psiquismo humano, algumas compreendidas pela medicina apenas como doenças advindas de campos fisiológicos e neurológicos. Desde o início de sua metapsicologia, Freud situou três diferentes estruturas psíquicas, que “determinam” o funcionamento do homem na Cultura, quais sejam, a estrutura neurótica, psicótica e perversa. No âmago de cada estrutura, podem refugiar-se sofrimentos subjetivos, a exemplo da erotomania, cujas raízes se fixam no campo da psicose (mecanismo que opera a partir da forclusão da metáfora paterna). O sujeito erotomaniaco guia-se pela certeza (delirante) de que o *outro* se encontra apaixonado por ele. Ao nos debruçarmos sobre esse quadro psicopatológico, utilizando-se da narrativa fílmica *Bem me quer, mal me quer* (2002), pretendemos analisar o modo como esse *pathos* conduz os movimentos passionais da protagonista, corroborando uma orientação de leitura que põe em evidência o ritmo dissonante do desejo. A história focaliza a trajetória da jovem *Angélique* e sua paixão avassaladora pelo médico *Loïc* que, claramente, ignora as investidas da moça. No discurso do médico, cumpre dizer, vamos encontrar signos reveladores desse enlace mortífero e sedutor. Como embasamento teórico, utilizaremos estudos psicanalíticos que se voltam para o contexto erotomaniaco, em especial, aqueles desenvolvidos pelo pai da psicanálise, Lacan, entre outros.

Palavras-chave: Cinema, Literatura, Erotomania.



INTRODUÇÃO

Anterior ao surgimento da psicanálise, através de seu pai e fundador o médico vienense Sigmund Freud, as manifestações patológicas das mais diversas eram analisadas e avaliadas pelo campo da medicina positivista e diagnóstica, levando em consideração aspectos neurológicos, fisiológicos, anatômicos, desconsiderando, em diversos casos, aspectos em que a psique humana poderia estar atuando e influenciando. A psicologia, mais precisamente a psicanálise, despreendeu-se da medicina em diversos aspectos e procurou entender que, nas manifestações, ou melhor, nos sintomas, poderiam estar sendo influenciados pelo que Freud denominou inconsciente, que viriam a tona através desses. Contudo, a psicanálise não teve intenção de descartar os aspectos fisiológicos, biológicos e fenomenológicos, ela preocupou-se em desvendar essas manifestações estudando o contexto da estrutura psíquica do indivíduo, entendendo que nosso psiquismo nos rege, em determinado momento de nossa vida, ou durante toda nossa vida.

Com a manifestação erotomaniaca não foi diferente. Freud estruturou o psiquismo humano narrando que em uma dessas três estruturas o sujeito se encontrará, sendo estas, a estrutura neurótica, psicótica ou perversa (entendendo que nós bailamos nessas três

estruturas, porém uma delas se sobressairá mais do que a outra, estando o sujeito erotomaniaco no campo psicótico). O sujeito erotomaniaco é um sujeito absorvido pelo amor, um amor delirante e fantasístico. A erotomania é como uma “resposta do sujeito psicótico para lidar com a dimensão caprichosa do encontro amoroso”. (Bressanelli, 2007, p. 11).

Freud, assim como os psicanalistas pós-freudianos, compreendeu que neuróticos e psicóticos situam-se de forma distintas em relação a cultura, ao Outro, ao gozo, a linguagem, e também ao amor.

Assim, para compreendermos como a psicanálise lê e entende esse sujeito, é imprescindível destacar o caminho percorrido pelo conceito desde que primeiramente descrito.

Contexto histórico da erotomania

No século XIX, Emil Kraepelin, psiquiatra alemão e pai da moderna psiquiatria, em seu escrito monumental *Maniac-Depressive Insanity and Paranoia*, estudou e debateu sobre os limites entre *dementia praecox* (esquizofrenia), insanidade maniaco-depressiva e paranóia. Nesta última, ele enquadrou a erotomania como um subtipo. Sob o nome de *paranoia* os psiquiatras alemães reúnem todas as afecções mentais



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

funcionais nas quais se desenvolve uma perturbação principal ou exclusiva no domínio da atividade da inteligência (KRAEPELIN, 1904). Ainda, de acordo com Kraepelin (1904), era sempre a paranoia o resultado de uma precedente loucura afetiva. O psiquiatra definiu, então, a paranóia como um delírio indestrutível, sem causa aparente e que surge de forma incidiosa, resultado de causas internas, acompanhado da preservação total do pensamento. (SAMPAIO, ANDRADE, BALTIERE, 2007).

Mesmo já sendo nomeada por Kraepelin, a erotomania ficou mais conhecida quando revelada por Clérambault, ficando reconhecida como a Síndrome de Clerambault, após a publicação da obra *Les Delires Passionels*, e ainda é conhecida pela psiquiatria como Paranoia Erótica. Gaëtan Gatian de Clérambault, em 1921, descreveu uma condição mental em que há convicção delirante, na qual um indivíduo, geralmente uma mulher, acredita que é amada e desejada por alguém, sendo estas de posição social e financeira proeminente, na maioria dos casos. O acometido pelo transtorno tende a insistir que o objeto de amor apaixonou-se primeiro sendo esse objeto quem faz as primeiras investidas amorosas. (SAMPAIO, ANDRADE, BALTIERE, 2007). A erotomania constitui-se, na verdade, no delírio de ser amado. Heck e D'Agord (2012, p. 04)

dizem que “a erotomania aparece na trama de uma situação de enamoramento em que o sujeito supõe as ações do outro como endereçadas a ele. Tal forma de conceber o amor constitui a base da interpretação delirante, na medida em que tudo o que o outro faz é lido como fazendo referência ao próprio sujeito”.

Clérambault tinha abordagem clínica investigativa e observatório acurado, destacando-se por um estilo muito próprio de abordar os pacientes, de obter os dados clínicos e de utilizá-los em sua elaboração teórica. Ansiava em buscar não apenas uma causa orgânica para o delírio, mas principalmente de penetrar na linguagem, na realidade simbólica do sujeito. Seu trabalho já apontava para a importância dos fenômenos de linguagem que se apresentam na psicose, assim como Lacan fez posteriormente na psicanálise. Não a toa, Lacan considerava Clérambault como seu único mestre em psiquiatria (BRESSANELLI, 2007).

Clérambault descreveu diferentes crenças que podem surgir a partir do postulado fundamental (a certeza de que o objeto amado também ama o delirante), sendo essas: a crença de que o objeto amado não pode ser feliz sem ele, a crença de que o objeto não vai ser valorizado sem ele, a crença de que o objeto está livre, pois o seu casamento não é verdadeiro. Ainda o delirante passa a tomar



atitudes como a realização de uma vigilância contínua ou de uma proteção contínua do objeto, conversação indireta com o objeto e o denominado comportamento paradoxal ou contraditório do objeto (Clèrambault, 1994). Este comportamento paradoxal é uma tentativa delirante de “recompensa de significado aplicada as atitudes de rejeição eventualmente surgidos do objeto amado, que passam a ser para o sujeito delirante, tentativas para pôr à prova o seu amor, ou fruto das vacilações, ciúmes, ou abulia do objeto, ou são explicados pela influência de amigos ou terceiras pessoas que tentam afastar o sujeito do objeto amoroso” (GRAMARY, 2008, p. 55).

De acordo com Clèrambault, o delírio se desenvolve em três estágios, sendo o da esperança, do despeito e do rancor. A evolução se inicia com a fase do otimismo junto com a sensação de esperança, seguida pela fase de pessimismo misturada com sentimento de ódio. Nessa fase ainda ocorre reações ambíguas de conciliação com vingança, sendo esta a fase do despeito. Por fim, o ódio verdadeiro vem junto com as acusações e reinvidicações, já que não foi correspondido, sendo esta a fase do rancor. Sendo assim, a fase da reinvidicação é tida como secundária encontrando-se o delírio na fase final.

Seguindo critérios de descrição da psicopatologia, Bressanelli (2007) fala que Clèrambault não encontrou univocidade em relação à erotomania. Dessa forma, dividiu a síndrome em dois tipos: a erotomania pura cujo tipo ocorre uma grande intensidade passional e está inteiramente inserida no postulado fundamental; e erotomania mista ou associada sendo essa uma forma mais complexa da síndrome, correspondendo aos casos em que a erotomania é vem de forma secundária a outros fenômenos.

Erotomania e a Psicanálise

Como contemporâneo de Clèrambault, o médico e pai da psicanálise Sigmund Freud utilizou de seus argumentos e categorias nosológicas, porém em sua metapsicologia, faz reservas a esse diagnóstico puramente fenomenológico e descritivo, apontando em suas pesquisas sobre psicose na determinação do mecanismo de defesa próprio e também no mecanismo de formação de sintomas, como afirma Mezêncio (2012). Na psicose, de acordo com Soler (1991), o pai da psicanálise não se ateve a uma descrição fenomenológica, mas a uma abordagem que podemos chamar de “gramatical”.

Hanna (2000, p. 18) acrescenta "Clèrambault oferece a formulação lógica do fenômeno enquanto Freud parte da causa da psicose, identificada com uma posição libidinal, a



partir da qual explicita o delírio, produzido por uma gramática transformadora".

A psicose, e mais explicitamente a paranoia, surge no postulado freudiano a partir dos seus textos sobre o caso do Presidente Schreber (FREUD, 1911/1996). Assim, É particularmente em sua análise do caso do Presidente Schreber que Freud assinala os sintomas da paranoia como advindos de um mecanismo de defesa contra fantasias de desejo homossexual.

É no trabalho sobre o presidente Schreber, especificamente no capítulo III, denominado Sobre o mecanismo da paranoia, em que Freud, discute a nosologia existente, o diagnóstico do caso Schreber e propõe uma revisão das categorias nosológicas. Conforme cita Mezêncio (2012, p. 09) é nesse contexto que Freud “apresenta sua versão da derivação gramatical das formas do delírio paranóico, aí incluído o delírio erotomaníaco”. A autora continua explicando que o fundador da psicanálise não fala da erotomania em Schreber, mas ele traça o desejo psicótico como desejo homossexual. Seu estudo parte da constatação de que o desejo subjacente à defesa pela paranoia deve ser compreendido e reconhecido como um desejo de ordem homossexual latente ou recalcado, assim, tenta comprovar a importância do desejo homossexual na paranoia sendo sob a forma do delírio paranoico – erotomaníaco, delírio

de perseguição, delírio de ciúme, megalomania – sendo estes gerados como uma defesa contra o desejo homossexual.

Como revelou Soler (1991) a abordagem gramatical freudiana para explicar o recalque do desejo homossexual corresponde a sentença “Eu, um homem, o amo (outro homem)”. Para Freud, o inconsciente propõe três formas de negação, incidindo sobre o verbo, sobre o objeto ou sobre o sujeito da frase. No delírio de perseguição, contradiz-se o verbo restando “eu não o amo, eu o odeio, porque ele me persegue”; no delírio erotomaníaco temos a sentença que recai sobre o objeto “eu não o amo, eu a amo, porque ela me ama”; a negação do sujeito no delírio de ciúmes ocorre sob duas versões, sendo o delírio de ciúmes alcóolico “não sou eu que amo o homem, é ela que o ama”, e o delírio de ciúmes da mulher: “não sou eu que amo as mulheres, é ele que as ama”. Uma quarta forma é possível, sendo esta do delírio de grandeza ou megalomania, em que se nega a frase como um todo “eu não amo ninguém, só amo a mim mesmo”. Freud ainda explicou que nas formas de delírio de perseguição e na erotomania, após a negação é acionado o mecanismo de projeção (o que foi abolido internamente retorna para fora) atribuindo ao outro o sentimento percebido internamente.

No caso da erotomania, a projeção transforma a sentença “eu a amo, porque ela me ama”



contradizendo o próprio objeto. Importante dizer que esse mecanismo de defesa da projeção ocorre diferente de como se daria na neurose. Essa projeção “não consiste em imputar ao outro, características que são próprias ao sujeito, mas de fazer advir de fora, de um outro no qual o sujeito não se reconhece” (BRESSANELLI, 2007, p. 38).

Lacan também não se utiliza da Erotomania como instituição nosográfica autônoma, como Clérambault compreendia. Lacan se referiu a Erotomania pela primeira vez em seus primeiros escritos sobre a paranoia, em 1932, no texto chamado “Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade” cujo texto discute um dos seus famosos casos conhecido como Caso Aimée.

O nome Aimée foi dado articulado com o nome de uma heroína do primeiro romance escrito pela paciente, atribuindo assim já um caráter erotomaniaco a paciente. Embora Lacan tenha designado este caso como "paranoia de autopunição", em 1975 ele revê seu próprio diagnóstico, destacando em Aimée a erotomania (Mezêncio, 2004).

Aimée, 38 anos, é internada no Asilo de *Sainte-Anne* devido a seu segundo surto psicótico, o qual tentou cometer atentado contra uma atriz em plena apresentação. Durante sua internação, Lacan a acompanhou por um ano e meio.

No Caso Aimée, Lacan desenha o conceito de que, na psicose, a erotomania é uma maneira desse sujeito psicótico se haver com a questão do real da sexualidade e do amor. (SARTORI, 2007). Na erotomania estudada por Lacan, ele elabora uma teoria sobre o amor e revela que uma falta de programação na escolha do objeto a ser amado.

Lacan ([1932] 1987) assinala que nos delírios de Aimée estão presentes os temas de perseguição e de grandeza. No último percebemos o traço erotomaniaco, quando ela afirma ter uma missão social, erotizando com a realeza. Assim, as vésperas do atentado contra a atriz, “o tema se precisa, o de uma erotomania que tem como objeto o príncipe de Gales” (Lacan, 1932, p. 165) a quem escreve poemas e poesias apaixonadas, enviando-lhe por correio.

Sobre os delírios psicóticos estudados por Lacan, temos a ausência da capacidade de simbolização do psicótico. O foracluído Nome do Pai. Assim como o pai da psicanálise, Lacan vai abordar sobre as questões de estrutura e formação do inconsciente, levando, assim como Freud, em questão a importância dos desejos sexuais infantis e o Complexo de Édipo. Para tanto, ele vai trazer a questão em torno da metáfora paterna como central nessa contextualização, isto é, o que concerne a função paterna em torno da sexuação. Assim, no seu texto



Seminário V (1957 – 1958), o psicanalista francês traz o pai enquanto metáfora, no sentido de ser um significante no lugar de outro significante.

Lacan considera o inconsciente enquanto linguagem, e num mundo do ser falante, o significante paterno vai hierarquizar a estrutura da linguagem, a estrutura do inconsciente. Assim, Bressaneli (2007, p. 77) diz que

Para que o desejo da mãe comporte esse para-
além, é necessária uma mediação, que será dada
pela posição do pai na ordem simbólica. Neste
sentido, a posição do significante paterno no
simbólico será fundadora da posição do falo no
plano imaginário. A instauração do Nome-do-
Pai como lei, concerne às relações da mãe com
a palavra do pai. O essencial é que a mãe funde
o pai como mediador daquilo que está para além
da lei dela e de seu capricho. O Nome-do-Pai
como estreitamente ligado à enunciação da lei.
É necessário que o sujeito adquira a ordem do
significante, que a conquiste, seja colocado em
seu lugar numa relação de implicação que afeta
seu ser e suas relações com o mundo.

Na psicose, há ausência do domínio do significante, não se concretiza, fora, então forcluído. Assim, diz-se que o Nome-do-pai como função simbólica fundamental estruturante é forcluído, já que não foi instaurado. Pela ausência do Nome-do-pai e todo o arcabouço simbólico que ele abrange, o sujeito psicótico constrói um sistema delirante. O desencadeamento do delírio se inicia a partir do Outro, retorna para o sujeito no lugar do significante Nome-do-pai foracluído

Bressaneli (2007, p. 78) conclui que “Quando o sujeito se vê confrontado com o buraco causado pela falta dessa amarração simbólica, quando ele precisa lançar mão deste recurso simbólico, ele não pode fazê-lo, pois para isso não há apoio. A falta do significante Nome-do-Pai nesse lugar abre um furo na cadeia que dá início a uma enxurrada de significações, que só podem ser ordenadas imaginariamente”.

Assim, de acordo com as autoras Gama e Bastos (2010)

Ao invocar o Nome-do-Pai, pela ausência deste recurso simbólico, o psicótico pode responder com o desencadeamento. Uma das formas de compensação à falta de significante é a construção da metáfora delirante, que tem por função organizar o mundo de acordo com uma nova significação suscetível de tratar o empuxo-à-mulher, quando este se manifesta. (Gama e Bastos, 2010, p. 03)

ANGÉLIQUE E O AMOR

Como forma de ilustrar a configuração erotomaníaca utilizaremos o recurso fílmico para esse fim. Tal recurso que norteará nosso trabalho é o filme francês *À la folie... pas du tout*, do ano de 2002, com roteiro e direção de Laetitia Colombani, cuja tradução para o português intitula-se em Bem me quer, mal me quer. O filme conta a história de uma jovem talentosa artista chamada Angélique, interpretada pela atriz francesa Audrey Tautou, apaixonada pelo médico Loïc Le Garrec (Samuel Le Bihan). Angélique parece ter tudo o que necessário para uma boa vida:



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

beleza, juventude, charme angelical, promissora carreira no mundo das artes, mas ela só tem olhos para o amor. Amor este que não é capaz de enxergar seu amigo, David (Clement Sibony) que a ama (também um jovem e promissor médico), que para estar perto dela é capaz de ouvi-la constantemente falar de seu verdadeiro amor. O amor pelo médico Loic. Um rapaz mais velho, casado, cuja mulher encontra-se esperando o primeiro filho do casal. São sempre muitos obstáculos para viverem juntos, mas ela tem a certeza de que o homem e que irão ficar juntos. Essa é a história escrita por Angélique, mas que não é a mesma de Loic.

O filme passa na ensolarada cidade de Bordeaux na França, inicia-se com a jovem pedindo, incansavelmente, para um floricultor entregar uma única rosa para seu amado. E assim se passa o filme, com as diversas investidas e declarações de afeto a Loic, que demonstra ter tido apenas alguns encontros casuais e desinteressados com a moça. Os desencontros e descompromissos do médico, frustrando a jovem e a deixando-a furiosa. Os amigos da jovem também compactuam da irritação dela, ficando indignados com o destrato de Loic. Depois de se sentir tão rejeitada, a moça resolve tirar sua vida inalando gás de sua cozinha. Depois daí o filme retorna sob a visão de amor de Loic, e descobrimos que a jovem Angélique amava

sozinha, que o enredo que construiu sobre esse amor, era narrado apenas por ela, que o Loic desconhecia aquele amor.

Angélique é um caso clássico de paciente com erotomania, em que o amor ocupa toda a vida do sujeito, com todas as vicissitudes que contemplam a psicopatologia baseado nos critérios e características erotomaniacas elencadas por Clerambault.

A erotomania em seu postulado fundamental implica numa série de ideias e interpretações delirantes da realidade que surgem de modo repentino, do tipo “amor à primeira vista”. Assim foi com Angélique, quando a mesma começou amar Loic, subitamente, após alguns casuais encontros no corredor do prédio onde Angélique precisou morar por um curto período de tempo.

As ideias delirantes são uma tentativa de sustentar a própria erotomania: ideias de que há uma colaboração universal a favor daquele amor; interpretações incessantes de fatos atuais e antigos a partir da erotomania; ações em direção ao objeto, incluindo viagens e perseguições. Uma vez que o postulado fundamental se instala, ele vai se assemelhar a um episódio emocional de enamoramento, tanto na emoção que sujeito sente, quanto em suas atitudes de apaixonado. Mas, não é igual, pois diferentemente do que acontece com os apaixonados normais, na erotomania há uma intensidade absolutamente desmedida da paixão, além do fato de ela ser apenas uma ilusão. É o que assistimos em Angélique. (SARTORI, 2007, p. 01)

Pelo ponto de vista do objeto amado, o médico Loic, vemos que a jovem constrói uma série de explicações delirantes para o amor que Loic sente por ela, como por exemplo, o fato dele ser casado, ela afirma



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que ele está próximo a se divorciar, pois o casamento não deu certo. Suas convicções são tão fortes, que os seus amigos acreditam fortemente no que ela diz. Esse mecanismo se refere ao que foi colocado por Clérambault de que o outro ama veementemente o delirante. Seus delírios giram em torno da certeza de que é ele quem a ama, ele é quem quer ficar com ela, imaginando que ele envia a ela sinais, mensagens, olhares.

Em um diálogo com seu amigo David, que é apaixonado por ela, o mesmo diz a jovem que ela acredita demais nele. Ela responde para ele “se eu não acreditar o que me resta!” Essa afirmação paranoica erotomaníaca sentencia o que Lacan colocou no texto Seminário sobre as psicoses quando afirma que o psicótico ama ao seu delírio como a ele mesmo (LACAN, 1985).

NO delírio psicótico de Angélique, ocorreram duas situações que ameaçou a relação deles dois, sendo esta quando uma paciente acusa Loic de agressão, e a outra quando ela vê o médico beijando sua esposa. Diante dessa situação, a jovem moça atenta contra a vida das duas mulheres. Loic começa a perceber que está sendo perseguido, através das cartas, das flores, da mensagem em seu carro, sendo estas demonstrações de afeto que afastam sua mulher dele. Após ser preso acusado de matar sua paciente que estava processando-o, Angélique vê sua esposa beijando o marido, e

numa passagem ao ato, tenta suicídio, sendo esta uma incapacidade do psicótico de simbolizar. Diante do real não simbolizado, ela tenta sair de cena.

Sendo vizinho de Angélique, o médico vai ajudar a socorrer a moça. Esta desperta e vê o seu amado, confirmando mais uma vez o amor deste por ela. No hospital, após ser agredido pelo amigo de Angélique, ele começa a entender a perseguição que estava ocorrendo com ele. Após ser procurado por ela, Loic põe fim ao relacionamento, e novamente, diante do real insuportável, diante da separação desse grande Outro, insuportável para ela, a mesma age contra a vida dele.

O filme se encerra com a cena em que podemos compreender de onde surgiu o delírio da jovem Angélique e seu desejo de enviar uma rosa para seu objeto amado. Num vasto momento de felicidade ao descobrir a gravidez de sua esposa, Loic encontra despreziosamente Angélique do lado de fora da casa que cuidava para uma amiga, que é vizinho da casa do médico. O mesmo num rompante de contentamento, presenteia a bela moça com uma rosa. Nesse signo está a postulação da erotomania: ele me ama! Nesse gesto a interpretação delirante da jovem é a concretização, a declaração de amor dele para ela.

Como fala Clérambault, Angélique segue a rigor as características elaboradas pelo



psiquiatra: amor por um homem de classe superior, uma convicção de que o objeto amada é quem amou primeiro, o amor passa a ser o centro da vida do delirante. Como também, a mesma consegue passar pelas fases da erotomania.

O Outro me ama é o postulado que fundamenta e desnuda a forma erotomaniaca do amor: fazer com que o Outro me ame. No seu texto Seminário 3, Lacan estudando o caso freudiano Schereber, nomeia esse fenômeno como empuxo à Mulher, pois, quando ocorre a forclusão do Nome-do-pai, o sujeito psicótico não encontra significação fálica à falta do Outro. Porém, se esse Outro não o ama, como no caso da personagem Angélique, o sujeito psicótico é devastado por um gozo incessante, permitindo dizer, como afirma Barbieri (2013, p. 74) “o psicótico sofre do gozo do Outro”.

A reação maníaca-delirante se instaura no desespero de encontrar algo que possibilite retomar o Amor do Outro, levando a jovem Angélique à falta total de recursos, restando-lhe a mortificação para salvar-se do gozo do Outro, que não a ama, mais que goza dela.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

BRESSANELLI, Juliana; TEIXEIRA, Antônio M. Ribeiro. Erotomania: os impasses do amor e uma resposta psicótica. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 15, n. spe, p. 437-

451, Dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982012000300006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 05 maio 2016.

CLÉRAMBAULT, Gaëtan Gatian de. *Automatismo mental: paranóia*. 1ª ed. Buenos Aires: Polemos, 2004.

GAMA, Vanessa Campbell da; BASTOS, Angélica. A feminização na psicose: empuxo-à-mulher e erotomania. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 141-156, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 maio 2016.

GRAMARY, Adrián. A Síndrome de Clérambault Revisitada. Volume X Nº2 Março/Abril 2008 Disponível em: http://www.saude-mental.net/pdf/vol10_rev2_leituras1.pdf

HANNA, Maria Silva G. F. *A transferência na psicose: uma questão*. Tese de Doutorado, Curso de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

KRAEPELIN, Emil. Paranoia (Verrücktheit) - 1904. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 333-351, June 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000200013&lng=en&nrm=iso>. access on 02 May 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142010000200013>.

LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 3: As psicoses (1955-1956)*. Tradução de Aluísio Pereira de Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

LACAN, Jaques. (1932/1987). *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Tradução de Aluísio Pereira de Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

MEZÊNCIO, M. S. (2004). Transferência na psicose: erotomania. *Revista de psicologia plural*, 19/20, 147-169.

SAMPAIO, Thais de Moraes; ANDRADE, Arthur Guerra de; BALTIERI, Danilo Antônio. Síndrome de Clérambault: desafio diagnóstico e terapêutico. **Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul**, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 212-218, Aug. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082007000200013&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 02 Maio 2016

SARTORI, Ana Paula Corrêa. A erotomania na neurose e na psicose. Revista eletrônica do grupo SEPHORA, ano 02 número 03, novembro de 2006 a dezembro de 2007. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_03/artigo_09port_edicao03.htm Acesso em 02 maio 2016.

SOLER, Colete. Fenômenos e estrutura da erotomania. Tradução: Elena Lopes Cólb. In: *Artigos Clínicos*. Salvador: Ed. Fator, 1991.

